

Exemplum¹ na educação dos pobres e vacina contra a varíola

Exemplum on the education of the people and vaccine against smallpox

Francisco Ari de Andrade

Professor Associado do Departamento de Fundamentos da Educação, da Faculdade de Educação - FAGED e do quadro Permanente de Docente do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE, da Linha de História e Memória da Educação, da Universidade Federal do Ceará - UFC. Líder do Grupo de Pesquisa em História da Educação do Ceará - GEPHEC. Doutor em Educação Brasileira, pelo PPGE-UFC.

Resumo: As patologias causadas por vírus, bactérias, fungos e protozoários sempre encontraram passagem livre pela vida nacional. São notórios os embates entre política e ciência no enfrentamento de epidemias no Brasil. O presente artigo, no âmbito da história educacional brasileira, expõe o trabalho do farmacêutico Rodolfo Teófilo (1853-1932) de vacinação da população pobre da cidade de Fortaleza, no começo do século XX, contra a varíola. Para o desenvolvimento desse estudo, foi feita a leitura do livro *Varíola e vacinação no Ceará*, publicado em 1904, por descrever os percursos e os itinerários daquela experiência sanitária na capital do estado. Por meio desse estudo é trazida à baila a técnica do uso de *Exemplum*, narrativa breve persuasiva, utilizada previamente no convencimento daqueles que precisavam se vacinar. Tal estudo aponta a relação intrínseca entre educação e saúde, naquela ação profilática, na medida em que possibilita uma reflexão crítica da saúde pública cearense na época, conforme o protocolo da prática médica do começo do século XX no Brasil.

Palavras chave: Exemplum – varíola - vacina

Abstract: Pathologies caused by viruses, bacteria, fungi and protozoa have always found a free passage through national life. The clashes between politics and science in facing epidemics in Brazil are notorious. This article, within the scope of Brazilian educational history, exposes the work of the pharmacist Rodolfo Teófilo (1853-1932) of vaccinating the poor population of the city of Fortaleza, in the early twentieth century, against smallpox. For the development of this study, the book *Smallpox and vaccination in Ceará*, published in 1904, was read, for describing the routes and itineraries of that health experience in the state capital. Through this study, the technique of using *Exemplum*, a persuasive brief narrative, previously used to convince those who needed to be vaccinated, is brought up. Such a study points out the intrinsic relationship between education and health, in that prophylactic action, to the extent that it enables a critical reflection of public health in Ceará at the time, according to the protocol of medical practice at the beginning of the 20th century in Brazil.

Keywords: Exemplum - Smallpox - Vaccine.

1. Jacques Le Goff (2010, p. 81) atribui a origem da técnica do “*exemplum*”, na história ocidental, ao período medieval. Segundo comenta, trata-se de um gênero didático-literário que muito foi usado pelos bispos na educação cristã.

Introdução

As patologias causadas por vírus, bactérias, fungos e protozoários sempre encontraram passagem livre pela vida nacional. Segundo Fernandes et al. (2011, p. 480) as doenças transmissíveis foram assumindo importância para a saúde pública internacional ao longo do século XX, repercutindo nas relações entre os países. Nas duas primeiras décadas do século XIX e a primeira do século XX, as tentativas de combate às moléstias não romperam com as práticas anteriores do período imperial, demarcadas pelo distanciamento entre a elite política e econômica da massa constituída por pobres e desvalidos da sorte. No entanto, o processo de reforma urbana das principais cidades, com destaque para a cidade do Rio de Janeiro, passou a exigir a interferência de saberes e práticas médicas diante da necessidade da higienização e desinfecção do espaço urbano. Cabe destacar, as reformas urbanas das capitais dos estados seguiram protocolo social estabelecido na capital da república, na gestão do prefeito Moreira Passos (1902-1906)².

O presente texto apresenta uma ação de saúde e educação do farmacêutico Rodolfo Teófilo (1853-1932), no começo do século XX, numa tentativa de combate à varíola junto à população, principalmente pobre, habitante do subúrbio da capital. A ação empreendida pelo referido sanitarista, constituiu-se em uma campanha de vacinação em massa, sem contar com ajuda governamental, destinada a atender, principalmente, às populações pobres confinadas nas areias, assim chamado pelas elites aquele reduto onde se aglomerava, desorganizadamente em choupanas, a massa vulnerável às patologias. A cidade de Fortaleza era o ancoradouro da massa esfo-meada vitimada pela seca, que desciam do sertão para o litoral em busca de socorros públicos para sobrevivência. Aos poucos, a faixa litorânea a sotavento do centro da capital, composta por dunas de areia frouxa foi sendo ocupada por famílias sertanejas, vitimadas pelo êxodo rural.

Para o desenvolvimento deste estudo foi tomado para análise algumas passagens do livro *Varíola e vacinação no Ceará* (1904), de autoria de Rodolfo Teófilo, onde está descrita a saga de enfrentamento da varíola na capital. A obra é um relatório descrito a pontuar os caminhos traçados pelo farmacêutico desde os experimentos iniciais ao fabrico da linfa vaticina até à catalogação da população vacinada.

Dentre as descrições contidas no livro de combate ao *orthopoxvirus*, chama a atenção o uso da técnica do *exemplum*, que precedia a abordagem da população pobre que precisava ser imunizada. Devido à falta de esclarecimentos, aqueles entes desolados, sem nenhuma experiência escolar e fora dos protocolos anunciados pela *Belle Époque*, não conseguia entender aquela profilaxia. Por isso, a saída encontrada por Rodolfo Teófilo para lidar com aquele contingente em vulnerabilidade social, na tentativa de persuasão para tomarem a vacina e a técnica da contação de uma breve narrativa a envolver personagens sacras, anjos, santos e ancoretas.

O presente estudo estimula uma reflexão crítica acerca da associação entre educação e saúde pública numa capital republicana, no cotejo de uma prática médica de combate às doenças à luz

2. Conforme Schwarcz e Starling (2015, p. 327), o Rio de Janeiro precisava ser a vitrine para os olhares estrangeiros nos trópicos. Cuidar dos edifícios públicos e afastar a pobreza do centro da cidade para os subúrbios, mas também criar uma infraestrutura que garantisse a locomoção da população, como o transporte público e a malha viária e ferroviária, sem se abster dos cuidados higiênicos e sanitários, por via de programa de vacinação coletiva no combate às moléstias.

do protocolo sanitário no Brasil.

Rodolfo Teófilo: um mediador intelectual do seu tempo

Marcos Rodolfo Teófilo nasceu na Província da Bahia, a seis de maio de 1853. Ainda criança, seu pai médico veio transferido para o Ceará onde fixou residência, passando a clinicar, na cidade de Pacatuba³.

O jovem Rodolfo Teófilo ao se tornar órfão de pai foi trazido para residir na casa do padrinho de batismo e, também, tio, em Fortaleza. Matriculado interno no Atheneu Cearense, para cursar o ensino secundário, com duração de seis anos, mas, no entanto, por volta do segundo ano curricular, o padrinho resolve não mais arcar com o ônus escolar e sugere ao jovem o ingresso no mercado de trabalho. Aos 12 anos de idade, emprega-se como caixeiro na firma comercial Albano & Irmãos. Em uma autoanálise da sua situação empregatícia, considerava-se um escravo branco, devido à jornada de trabalho que lhe era submetida de segunda a sábado. A qual tinha início às seis da manhã, e terminava às oito da noite. Segundo conta o próprio escritor, foram os livros que o ajudaram a se libertar.

Nutria o desvelo de cursar Farmácia na Faculdade da Bahia. Entretanto, faltavam-lhe recursos financeiros para esta proeza, pois era necessário realizar os preparatórios na Faculdade de Direito de Recife, e depois seguir para a capital baiana, tendo que abrir mão do trabalho. No entanto, mesmo diante desta condição contraditória, o jovem decide executar seus planos. Assim, contrariou as vontades do patrão, que insistia em não querer ali caixeiro doutor. Resolveu se desvincular do trabalho, e com a ajuda de um amigo, que o via com potencial para aquele fim, o qual intercedeu junto ao poder político local, na busca de apoio financeiro, conquistado com a atuação da Assembleia Provincial na aprovação da Lei Nº 1.517, de 31 de dezembro de 1872, que garantiu a subvenção de 500\$000 (quinhentos mil reis) anuais para custeio do curso.

Vale ressaltar que desde o governo de José Martiniano de Alencar (1834-1837), havia precedente na província do Ceará da cessão de bolsas de estudos aos filhos da terra, que pretendessem se aprimorar no mundo das ciências. Assim, a solicitação de Rodolfo Teófilo contaria com esta precedência política.

Amparado por essa garantia de recursos, Rodolfo desembarca em Recife para realização dos preparatórios para o ensino superior. Aprovado, plenamente, segue para Salvador, onde efetuará a matrícula no Curso de Farmácia, da Faculdade de Medicina da Bahia. Porém, quando se encontrara no segundo ano do curso, foi tomado de surpresa com a suspensão da bolsa de estudos. A perda desta se amparava na alegação do governo do Ceará de que seu pai estava na dívida ativa da província, e, por isso, a continuidade da concessão de recursos públicos não seria possível. Desesperado, vendo ir por terra o sonho de se tornar farmacêutico, surge-lhe a alternativa de participar da seleção de bolsista no Hospital Militar da Bahia. Cinco candidatos se inscreveram para duas vagas. Tirou o primeiro lugar, e, assim, empregado, deu continuidade ao curso, e ao final de quatro anos pôde ser condecorado com o título de farmacêutico, em 20 de dezembro de 1875, pelo referida instituição.

3. Cidade do Ceará distante 24,58 km da capital. Hoje integra a Região Metropolitana de Fortaleza – RME.

O termo “mediador intelectual” foi cunhado por Gomes e Hansen (2016, p. 16) ao definirem um intelectual como sujeito histórico, engajado no interior de uma sociedade no exercício de uma prática política. Como guardiões de memória, os mediadores intelectuais, como atores sociais engajados, segundo as autoras, podem ser elencados no ambiente social diverso, contemplando, além dos intelectuais engajados, também os leitores, os contadores de história, os guias institucionais e os agentes educadores, dos quais dependem a tradução de bens simbólicos em sentido, espalhando ideias e valores, aproximando o público dos bens culturais de uma sociedade.

Embora não seja objeto deste estudo, porque não há espaço para aprofundamento desse tema aqui, utiliza-se tal argumento, trazido para o debate pelas referidas autoras, com a pretensão de enquadrar o farmacêutico Rodolfo Teófilo como um mediador intelectual de seu tempo. Além dos trabalhos inerentes à botica, era professor do Liceu do Ceará e participava da “República das Letras”⁴ no Ceará. No exercício das letras, foi membro integrante fundador, ao lado do escritor Antônio Sales (1868-1940), do movimento estético chamado de *Padaria Espiritual*⁵, no final do século XIX em Fortaleza. Atuou como romancista e cronista na cidade. Periodicamente escrevia nos jornais locais, assumindo sempre oposição ao governo de Nogueira Acioly (1840-1921), podendo ser considerado um guardião da memória da cidade. Graças aos seus escritos, é possível entender o ambiente social contraditório da capital cearense no limiar da república brasileira.

Medicina coletiva no controle das doenças urbanas

Para desenvolver uma reflexão acerca da versão moderna da medicina no enfrentamento das doenças que se manifestaram no ambiente urbano europeu a partir do século XIX, a título de uma ilustração histórica, são oportunas as elucubrações de Michel Foucault. A medicina coletiva começou seu desenvolvimento com a expansão e a consolidação do modo de produção capitalista. O aforismo é trazido por Michel Foucault no seu livro *Microfísica do poder* (2015), ao considerar que o modelo social, subjacente ao referido modo de produção, exige uma nova organização do espaço urbano. O modelo de sociedade de classes sentiu a necessidade de controlar o indivíduo pelo corpo e de combater as epidemias. A sociedade burguesa, a partir do século XIX, passaria a investir sobretudo no somático, isto é, no corporal, por se tratar de uma força de produção assumida pelo saber médico. Ainda Foucault (2015, p. 144) acrescentaria que, se o corpo passou a ser considerado uma realidade “biopolítica”, na mesma extensão a medicina social veio a assumir uma estratégia, também “biopolítica”, assumindo o saber médico um papel relevante, como o administrar a saúde.

Ao trazer para o debate a experiência de medicina social vivida pela França iluminista a partir do século XVIII, Foucault (2015, p. 149) procura chamar a atenção para a necessidade que houve de organização do corpo urbano. Com a expansão do capitalismo, um novo modelo de cidade veio a se consolidar como um importante lugar de mercado, mercado que simboliza

4. Segundo atestam MCNEELY e WOLVERTON (2013, p. 13) marco da sociedade moderna, aliada à imprensa, à biblioteca, à universidade e ao laboratório, a *República das Letras* pode ser definida como uma comunidade internacional responsável pela produção e disseminação do conhecimento em diversas áreas. A divulgação do conhecimento foi responsável pela alimentação intelectual no Ocidente.

troca de mercadorias, de moedas, mas também de experiências entre pessoas de diferentes localidades. Com o atrativo do mercado e a expressividade das redes urbanas, vieram o crescimento populacional e o conseqüente deslocamento populacional campo-cidade, em razão da atração ocasionada pelos novos componentes de trabalho e de consumo que a cidade apresentava. Se até o século XVII a Europa se encontrava dependente diretamente do que vinha do campo, a partir do século XVIII as cidades foram “dando o ar da graça” mediante novos componentes culturais e sociais, mas, em contrapartida, vieram os momentos de tensões geradas no seu interior pela dissociação entre a concentração e a divisão de riquezas, afrontando ricos, pobres, plebeus e burgueses.

Surgiram o medo e o pânico urbano. A cidade, ao mesmo tempo que era um ambiente social atrativo, pelas questões de trabalho e de acesso ao consumo, era também um ambiente contraditório, marcado pela dilatação de seu território para além de seu perímetro urbano, configurando ambiente desordenado de concentração de pessoas. Associada à concentração de renda e à distribuição de riquezas, a ingerência do poder público no ordenamento jurídico e social das cidades cada vez mais era marcada pela negação da cidadania, coadunando-se com o aparecimento de uma “[...] plebe em vias de proletarização”. A pobreza se apresentava agora como o elemento ameaçador da ordem social. “Daí a necessidade de um poder político capaz de esquadrihar essa população urbana” (FOUCAULT, 2015, p. 154).

Assim nasceria, consoante Foucault (2015, p. 154), o medo urbano. Na cidade, à medida que representa o medo, na lista dos que geram a angústia urbana estariam as oficinas e as fábricas, mas também as epidemias e os cemitérios. A presença da peste na cidade geraria a inquietude do poder público ao propor a medicalização da cidade. No instante em que a pobreza viria a se tornar uma ameaça social, a burguesia reagiria em nome da ordem. Dentre as medidas, a intervenção no meio por via da higienização e da medicalização da cidade. Doravante, os enfermos passariam a ser excluídos do meio social com a instituição dos lazaretos afastados dos grandes centros.

Segundo Foucault (2015, p. 157), inicialmente um esquema com base no confinamento do moribundo foi a medida político-médica proposta. Tratava-se da “quarentena”. Por meio dela, os indivíduos eram isolados e distribuídos no exílio de um espaço esquadrihado, afastados do ambiente social. Os lazaretos, como unidades de atendimento aos enfermos, eram inspecionados, vigiados e controlados, com registros diários da evolução das doenças e dos óbitos pelos agentes de saúde pública.

De uma evolução sofisticada daquelas unidades de saúde, frente à complexidade do mundo industrial, surgiria a higiene pública na Grã-Bretanha e com ela o controle político-científico do meio urbano. A medicina urbana, coletiva e social inglesa do século XIX apresentava um novo protocolo de combate às doenças: a intervenção nos corpos, por meio do controle da qualidade do meio físico, da água, do ar e das decomposições humanas.

Inspirada no sistema *Health servisse / Health officers*, na medicina inglesa do século XIX, o controle epidemiológico se daria pela assistência aos pobres, como destaca Foucault (2015). A sociedade passou a contar com novos elementos no controle das mazelas: vacinação obrigatória, registro da evolução das doenças e dos óbitos, localização e destruição dos focos de insalubri-

dades da cidade.

Fechando tal discussão, Foucault (2015, p. 165) argumenta que o surgimento progressivo da medicina urbana, social e coletiva da segunda metade do século XIX não se dissociava da própria organização da economia capitalista, admitindo um entendimento de serem as doenças um problema político e econômico, porque o corpo sadio era investido como força de trabalho.

Os lazaretos e o controle das doenças infectocontagiosas

Consoante Foucault (2015, p. 143), a medicina social francesa do final do século XVIII teria inaugurado uma prática de cura de moléstia por via da exclusão do enfermo do ambiente de convívio com os outros. Assim, teriam surgido os lazaretos como espaços apropriados para acolhimento, tratamento e isolamento dos moribundos, mediante um processo apurado chamado “quarentena”. Tal prática médica atravessou todo o século XVIII influenciando países a tomarem tal iniciativa no cuidado de seus doentes. A medicina social inglesa do século XIX, no entanto, teria proposto uma nova alternativa no trato dos enfermos, agora uma prática médica que encarava a doença como um problema político e econômico. Não se tratava mais de isolar os enfermos, mas previamente de controlar o corpo por meio da imunização; era a chamada medicina dos pobres por intermédio da intervenção nos locais insalubres, vacinando e catalogando o controle das doenças.

A prática médica no Brasil do final do século XIX, sob a influência daquelas matrizes europeias, devotava preocupação à organização da vida urbana e à saúde das elites. Entretanto, se o saber médico tinha por endereço as elites, no meio do caminho havia os pobres e os “degenerados”. Nessa ocasião, a medicina social tomaria a caridade das mãos de instituições religiosas, estendendo discursos e práticas normalizadoras, através da filantropia, ao resto da população.

A cidade de Fortaleza, que vinha convivendo com a varíola desde havia muito tempo, foi adepta das práticas de curas dos enfermos sob influências francesa e inglesa. No final do século XIX, predominava, o modelo francês de atendimento às doenças por meio do Lazareto da Lagoa Funda, a sota-vento, localizado após o bairro de Jacareacanga.



Fonte: Planta_da_cidade_da_Fortaleza_capital_da_provincia_do_Ceará-Adolphe_Herbster-1888.jpg (2572x2658) (wikimedia.org)

A carta geográfica acima representa o traçado da cidade de Fortaleza do final do século XIX. Observa-se que a capital está localizada no litoral norte do estado. A área em escala cinza destaca o centro comercial, sede do governo, residência da elite política e econômica e dos segmentos da classe média. A linha vermelha que se estende no sentido norte-sul é a linha férrea que ligava o litoral ao sertão, facilitando o deslocamento da população e o escoamento da produção agrícola para o porto. Na direção leste, seguindo a linha litorânea, verificamos o cemitério público de São Casimiro e logo após, como última fronteira, o Jacareacanga, demarcado por um córrego. Após este, sem identificação no mapa, assentado em um ponto daquela paragem arenosa, fora soerguido o Lazareto da Lagoa Funda, a uma distância de 5 km do centro da cidade.

Segundo uma narrativa apresentada pelo jornalista Lira Neto, no livro *O Poder e a Peste* (1999), a decisão do corpo médico e político ao decidir pela fixação daquela unidade de atendimento aos “bexigosos” naquela parte erma da capital era nutrida pela crença de que a brisa que areja a cidade vinda do Leste varreria o mau cheiro e a mazela para longe da população sadia. Era iniciada assim, uma tentativa de controle e de higienização social, predominando até o início de 1900. Ali seria o local usado para isolamento dos infectados do resto da população.

De acordo com um levantamento feito por Barbosa (1994), o lazareto se constituiu muito mais como um local em que os enfermos aguardavam a morte. Segundo conta, como o próprio nome sugeria, aquelas unidades de tratamento haviam sido criadas na Europa com a intenção de isolar os “leprosos” do convívio com a sociedade. No Brasil, em particular na cidade de Fortaleza, sua finalidade foi ampliada, na medida em que passou a confinar nas suas dependências os

moribundos acometidos por diversas moléstias infectocontagiosas, com destaque para o cólera e a varíola.

Mesmo que a descrição trazida por Barbosa (1994) daquela experiência registre a precariedade do ambiente, muito mais parecido com um barracão do que com um hospital, os serviços médicos e de enfermagem prestados à população enferma eram precaríssimos. Entretanto, a criação dos lazaretos possui relevância histórica no processo da evolução do tratamento das doenças infectocontagiosas, podendo ser considerados precursores dos hospitais modernos.

No alvorecer do século XX, a ação do governo cearense de acolhimento dos infectados pela varíola seria transferido para a iniciativa privada. Algo que não passaria fora de críticas pela oposição. O governo decidira fechar o Lazareto da Lagoa Funda, alegando falta de infraestrutura e de condições de manter aquele precário hospital em funcionamento. A prestação de socorros médicos aos enfermos passaria a ser feita pela Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, criada na década de 1860. Determinava o governo que aquela instituição de saúde caritativa organizasse, às expensas do erário, o serviço de assistência aos pobres a partir de um protocolo claramente influenciado pela prática médica inglesa, anteriormente destacada, que incluía a vacinação, a identificação e a destruição dos focos de promiscuidades. Verificava-se, com aquele decreto, o abandono da prática médica de influência francesa, caracterizada pelo isolamento do enfermo nos lazaretos. Com a exigência da Santa Casa, centrava-se o governo na racionalidade científica, preocupado com o controle do meio e a assistência ao corpo por via de um programa de urbanização e higienização da cidade.

Contudo, por fazer oposição ao governo, o farmacêutico Rodolfo Teófilo via aquele ato com algumas reservas. Admitia que a Santa Casa de Misericórdia não conseguiria dar um bom serviço clínico, pela escassez de leitos e carência de médicos. Para ele, não tinha suporte frente a um surto de varíola que se abatesse sobre Fortaleza. Embora a orientação da prática médica inglesa fosse a prevenção, e não a internação hospitalar, preferia suspeitar que o governo estivesse fugindo da sua responsabilidade ao transferir para a iniciativa privada, de cunho religioso, os cuidados com a saúde pública.

A opinião apontada no estudo de Barbosa (1994) admitia que por meio daquela medida o Ceará iniciava a prática da medicina social e urbana, consequência da era científica. A racionalidade médica contaria com o controle, a vacinação e a higienização do meio físico. A Santa Casa de Misericórdia, segundo atestava, naquela ocasião representava um hospital moderno. A medicina era exercida por profissionais formados nas faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro, a contar com o apoio de um serviço de enfermagem qualificado.

Descontente com os feitos administrativos do governo estadual, o farmacêutico Rodolfo Teófilo, imbuído de um espírito altruísta e humanista, influenciado pelo debate epistemológico concernente à prática médica e às ideias higienistas da época, decidiu encampar, por conta própria, uma campanha de vacinação pública na cidade.

Fortaleza enfrenta o surto de varíola

A exemplo de outras capitais brasileiras, no começo do século XX a saúde pública em Fortaleza era tratada como caso de polícia. O trabalho desenvolvido por Sevcenko (2010), acerca

da “revolta da vacina”, na cidade do Rio de Janeiro, é uma demonstração da prática autoritária e antidemocrática segundo a qual o poder público intervinha junto às comunidades pobres dos subúrbios cariocas.

Sem dissociar as questões políticas e econômicas das questões sociais da cidade, o estudo de Sevcenko (2010) é oportuno em apresentar o campo de batalha em que se dera a campanha de vacinação obrigatória na cidade do Rio de Janeiro, mesmo que tivesse à frente um personagem que se consagraria nos anais da história brasileira como um dos maiores médicos sanitários da segunda metade do século XX: Osvaldo Cruz. Segundo os argumentos do referido historiador, a campanha da vacina obrigatória no Rio de Janeiro foi tecida de cima para baixo na sociedade. Na medida em que o saber médico fora chamado para intervir no espaço social, como característica da corrente de pensamento positivista, foi ignorada a visão de mundo dos sujeitos sociais, tornando a vacina obrigatória, traduzida pela força do aparato policial, sem que se tivesse estabelecido previamente um canal de diálogo entre as esferas de poder, os intelectuais e a população pobre.

Movida por forças da mobilização coletiva, embora se tratasse de uma população desassistida de políticas sociais, principalmente do acesso à educação escolar, acuada nos redutos desordenados dos subúrbios cariocas, confrontar-se-ia com a força policial, que se abatera sobre ela para fazer prevalecer a obrigatoriedade da vacina. De forma anárquica e incendiária, a resistência atiçaria a ira governamental a exigir maior rigor da polícia. Nos segmentos sanitários, aquele episódio era entendido como uma reação movida pelo estado de ignorância em que se encontrava aquela pobre gente.

Na cidade de Fortaleza, a exemplo da capital da república, a política de intervenção no meio social não fugia à regra; estava dissociada de uma prática democrática. As questões de higiene, de urbanização e de disciplinamento do espaço social eram tratadas como questão de polícia. A política local se nutria do clientelismo e do fisiologismo para garantir a dominação da “Oligarquia Acioly”¹², muito criticada pela oposição.

O grupo político situacionista gravitava em torno da figura do comendador Nogueira Acioly(1840-1921), que estava à frente dos destinos do Ceará desde a transição republicana no Brasil. Apoiado pelas forças políticas conservadoras do sertão e do clero cearense, contava com um ferrenha oposição composta por segmentos sociais urbanos representados por comerciantes, intelectuais, caixeiros e pelo povo, em geral. Estes descontentes com a condução política do estado, porque esta não garantia à população o acesso a melhores condições sociais e econômicas, que lhes assegurassem qualidade de vida.

Assim, é neste cenário social e político que Rodolfo Teófilo compõe a plêiade de intelectuais, que fazia oposição à “Oligarquia Acioly”. Por meio da imprensa local oposicionista, a plêiade denunciava as contradições sociais de uma sociedade injusta, as condições sanitárias e nada republicanas da população pobre, excluída para os arrabaldes, nos subúrbios chamados de “ as areias” , entregues à própria sorte, aumentando a incidência de várias moléstias, dentre elas se destacavam a tuberculose, a sífilis, a hanseníase, a febre amarela, e, principalmente, a varíola. A Inspetoria de Higiene, segundo denúncia do escritor , em algumas vezes tinha um papel secundário e complementar no enfrentamento das doenças.

Por conta de tal metodologia de governança, a cidade era um reduto de exclusão social. De um lado, o centro da cidade, onde residiam os ricos, funcionários públicos, militares de patentes, trabalhadores do comércio, políticos e religiosos. No outro extremo, o subúrbio, composto por moradores pobres migrantes do sertão, estabelecidos em casebres soerguidos desordenadamente sobre as dunas de areias frouxas presentes na faixa litorânea oeste da cidade.

Muito mais preocupado com a manutenção do grupo situacionista no poder, o governo local dava as costas ao grito de alerta de um possível novo surto de varíola na região, bradado por Rodolfo Teófilo nos jornais locais.

Por conta das suas ideias opositoras à “oligarquia”, quando apresentara sua proposta de criação de um instituto vacinogênico em Fortaleza, para empreender um programa de vacinação em massa contra a varíola no Ceará, não recebeu apoio governamental. Muito pelo contrário, o governo acossado diante da incompetente política de enfrentamento do surto de varíola, utilizaria da imprensa situacionista para fazer acusações mentirosas, visando atingir a reputação do sanitarista perante a opinião pública.

Estando à frente do estado, o médico Pedro Augusto Borges (1900-1904) acharia o nobre farmacêutico, de quem contaria com o apoio para empreender uma campanha de vacinação em massa no Ceará, mas, para sua decepção, após uma reunião no palácio governamental, o governo lhe daria o “não”. Queixava-se da falência do erário. Segundo ele, faltava-lhe apoio do governo federal. Diante da insistência de Rodolfo Teófilo de que daria cabo do projeto de produzir a linfa vaticina no seu laboratório e sair às ruas vacinando voluntariamente as pessoas, principalmente as pobres, o presidente do estado prometeu dar apoio moral à ação, comprometendo-se ao final a lhe dar medalha de honra ao mérito pelo trabalho prestado à causa cívica cearense.

Rodolfo Teófilo, pela imprensa, usava da pena para demonstrar as contradições sociais da cidade de Fortaleza, carente de dotes civilizados. Apesar da tentativa de organização e higienização do seu espaço urbano, colocando os pobres flagelados para o lado leste, nas proximidades do mar, era insalubre pela falta de saneamento básico no centro, o que redundava em péssimas condições de vida para a população. Os focos fecais e de esgotos a céu aberto, bem como patologias, em particular a varíola, ameaçavam a tranquilidade de seus moradores constantemente.

Como intelectual, Rodolfo Teófilo bebia das fontes que alimentavam o debate acerca da necessidade do controle social, às vezes repressivo às demandas populares, e da filantropia no atendimento sanitário dos pobres, como critério de desinfecção do espaço urbano a atenuar que dos indigentes emanassem as doenças, os vícios e as “fraquezas de caráter”. Não obstante, a pobreza e a miséria eram vistas pela elite com estranhamento e associadas muito mais a uma debilidade mental e moral dos indivíduos do que decorrentes do processo de concentração de riquezas e da desigualdade social no jogo das forças produtivas do capitalismo.

Desde o último quartel do século XIX que a capital se consolidara como empório, devido ao crescimento do comércio de exportação de produtos naturais, e como matriz importadora de produtos industriais ingleses. Por meio do comércio de exportação do algodão para as tecelagens dos grandes centros industriais europeus, foi se dando o processo de acumulação de riquezas e de concentração de renda. No entanto, no mesmo ritmo acelerado do comércio, foi notado o acúmulo de pobreza na cidade.

O programa de urbanização dava o “ar da graça” pelo desenvolvimento material e espiritual, sendo enxergado nas praças públicas com seus quiosques de café, pelo embelezamento dos jardins, sempre bem arborizados, com as linhas de bondes ligando o centro aos bairros, pelo telégrafo, pela ferrovia, com a chegada do cinema e do primeiro automóvel e com a construção do Teatro José de Alencar. Era a Fortaleza dos ricos. O centro da cidade, compreendido dentro de um quadrilátero traçado por várias artérias em forma de xadrez, tinha como coração, ponto de partida e de chegada, a Praça do Ferreira. Tal área urbana era habitada por negociantes, caixeiros, funcionários públicos, militares de patentes, políticos e religiosos. As ruas eram calçadas com pedras e as casas eram altas, cobertas de telhas sobre terrenos de meio quarteirão de comprimento. Os cidadãos contavam as horas para ver concretizado o serviço de canalização de água potável para as residências centrais com a finalização das obras das caixas d’água. Saberes da ciência hidráulica iam operar na canalização de água potável e colheita de esgotos, de sorte a melhorar as condições de vida dos habitantes, mas havia o lado opaco da cidade: a Fortaleza dos pobres; era o subúrbio, área destinada aos desvalidos da sorte que o lado rico insistia em não querer enxergar; as areias, como essa área era chamada pela elite urbana. Arraial a perder as contas de casebres de barro e cobertos de palhas de coqueiros, desordenadamente habitados por pessoas comuns, subempregados, biscateiros, lavadeiras, trabalhadores de afazeres domésticos, desempregados e prostitutas de ganho, todos tangidos pela seca do sertão.

Testemunha ocular, o farmacêutico Rodolfo Teófilo criticava que no projeto de urbanização tivera espaço o embelezamento dos logradouros, tornando a capital bastante agradável aos visitantes, mas nenhuma atenção havia sido dada às areias. Como se fosse uma bomba-relógio, na Fortaleza dos pobres, onde o “progresso” não lhes alcançava, a varíola explodiria, levando todos ao pânico urbano. Devido à inoperância de um programa de assistência médica capaz de controlar as doenças, a varíola era um espectro coletivo. Novenas, penitências e romarias pediam aos santos e mártires cristãos proteção contra a peste. Mas, como o ano de 1900 era prelúdio de uma nova seca, a “bexiga” pegaria carona e ressurgiria das cinzas para se abater sobre a população não imunizada.

As longas estiagens no semiárido desencadeavam desordenadamente a descida da massa faminta de camponeses pobres à procura de socorro na capital. Aqui chegando, ficavam as praças abarrotadas de gente faminta: homens, mulheres e crianças à mercê da própria sorte e da caridade alheia. O farmacêutico Rodolfo Teófilo denunciava ser aqueles logradouros ambientes favoráveis à proliferação de moléstias, que grassavam pela região pelas condições sanitárias em que dividiam aquele ambiente de promiscuidades. O surto do “mal da bexiga” era uma tragédia anunciada. O poder público, acossado pelo perigo à vista, queixoso da falta de recursos, tinha dificuldade de se preparar para o enfrentamento da virose que ameaçava alastrar-se pela cidade.

A metodologia da produção da linfa vacínica

Preocupando-se com mais uma estiagem no semiárido nordestino, pois o ano de 1900 se desenrolava envolto em mais uma seca, sendo a capital do estado o ancoradouro dos flagelados que buscavam sobreviver à fome e à miséria, Rodolfo Teófilo se antecipava ao prenúncio de uma

nova tragédia por meio de um trabalho profilático contra a varíola.

Rodolfo Teófilo era conhecedor do processo de elaboração da vacina de Edward Jenner (1749-1823), cuja descoberta se dera em 1776. Por isso, seus experimentos iniciais em Fortaleza seguiram o mesmo caminho. Encampou uma viagem de estudo até a cidade de Salvador, onde havia se bacharelado farmacêutico na Faculdade de Medicina da Bahia¹³. Dialogando com alguns colegas da área, pretendia colher informações sobre as etapas de elaboração da linfa vacinogênica de origem animal.

De volta a Fortaleza, trouxe na sua bagagem, além das anotações colhidas junto aos pares, uma parelha de vitelas para ser usada no experimento. Rodolfo Teófilo insistia em usar os mesmos padrões normalizadores aplicados pelo Instituto Chambon, fundado na França em 1864, na produção da vacina antivariólica de origem animal. O método de fabricação da linfa vacínica foi o mesmo usado pelo Instituto Chambon, de Paris, sistema de vacinação animal. O experimento não logrou êxito: as reses trazidas da Bahia morreram após a inoculação. O processo de desenvolvimento da vacina voltaria ao ponto inicial.

O passo seguinte foi buscar novas orientações junto aos trabalhos desenvolvidos por outros colegas no Instituto Vacinogênico de São Paulo. Ao trocar correspondências com alguns pesquisadores, Rodolfo Teófilo pôde se orientar melhor para encampar novamente a empreitada de produzir a vacina. As informações vindas de São Paulo deram novo fôlego ao trabalho investigativo. Atendendo aos apelos, foram-lhe enviadas outras estampas de animais, cuja raça era considerada bem mais resistente ao experimento do que a que havia trazido da Bahia.

O protocolo de fabrico da matéria base da vacina começava pela inoculação do vírus na região inferior da parede torácica abdominal, raspada em forma retangular, do vitelo bovino. Feita a inoculação, esperava a sementeação das pústulas na região incisiva, protegendo o animal das intempéries naturais. Decorrido o período de incubação, realizava-se a coleta do material. Estando o animal imobilizado sobre uma mesa, com o auxílio de uma lanceta, procedia à colheita da linfa, que ia sendo depositada em um frasco de vidro. Em seguida, a polpa retirada era misturada em um recipiente em partes iguais de glicerina e água destilada, dando origem a uma pasta homogênea. Feita a sucção do ar, a vacina estava pronta. Acometidas em tubos a dois terços de sua capacidade, estava pronta para ser injetada nas pessoas.

Com tal proeza, a cidade passou a contar com um serviço voluntário de imunização contra a varíola. A residência do pesquisador sediaria um laboratório e o sonhado Instituto Vacinogênico de Fortaleza. Lá era produzida a vacina a ser aplicada pelo próprio farmacêutico junto ao povo da cidade indiscriminadamente. Algumas amostras eram enviadas também às câmaras municipais de algumas cidades do interior.

Vencida a primeira batalha, outra estava por vir naquela guerra no Nordeste do país: conquistar a confiança dos moradores das areias, entregues à própria sorte. Ignorantes aos benefícios daquela medida profilática eram refratários à vacina. O subúrbio, por não ser incluído no plano de urbanização da cidade, era a “terra de ninguém”, reduto de pobres e desvalidos da sorte. A infância estava abandonada. As crianças não tinham acesso à escola, tendo em vista o alto índice de analfabetismo na população adulta. Precisamente ali, onde o poder público não alcançava a população senão pelo aparato policial, a varíola encontrava ambiente favorável para

se proliferar. Não obstante, Rodolfo Teófilo preocupa-se em chegar àquele grande público com medida sanitária em nome da medicina social.

O *exemplum* como recurso pedagógico na vacina

Os termos “*exemplum*”, singular, ou “*exempla*”¹⁴, no plural, estão referenciados em várias passagens nas obras do historiador francês Jacques Le Goff. Assim, podem ser listadas passagens nos livros *A bolsa, a vida econômica e religiosa na Idade Média*, *O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthie* e *O imaginário medieval*. Como se observa, tem sua origem na Idade Medieval.

Segundo Le Goff (2010), os *exempla* eram narrativas breves, com a função de persuadir e disciplinar o discípulo no seu momento de agonia. Era uma técnica persuasiva usada por bispos e padres nos sermões. Era uma ferramenta de educação moral que visava à orientação espiritual do cristão para a obediência a Deus e às escrituras. Eram “historietas” apaixonantes com enredo capaz de enaltecer o martírio de anjos e santos, a proclamar um final libertador ao fiel. Era o poder persuasivo da palavra a seduzir, encantar e convencer os fiéis aos interesses da cristandade europeia.

Ao fazer uso da contação de histórias fantasiosas, junto às pessoas comuns, com a finalidade de persuadi-las a se vacinar contra a varíola, Rodolfo Teófilo compreendia o uso de tal recurso da Retórica. Na ocasião em que fora aluno no Ateneu Cearense, de propriedade do professor Costa Mendes, aprenderia os pressupostos práticos da Retórica. Aquela disciplina integrava o currículo do ensino secundário brasileiro. Não obstante, o objetivo desta disciplina, desde a tradição Greco-latina, era preparar os jovens para vencer argumentos no mundo civil, no qual se utiliza do recurso da persuasão. Este termo chamado de *exemplum* não fazia parte do universo intelectual do nobre farmacêutico. Ao fazer uso de tal recurso, tendia a praticar aquilo que aprendera na disciplina Retórica, sem admitir, necessariamente, que conhecesse a extensão do termo. O *exemplum* na contemporaneidade ganhou status de uma categoria historiográfica a partir das inferências de Le Goff (1993);(1999);(2010), ao atribuir a origem e prática de tal recurso ao período medieval.

Rodolfo Teófilo resgatou aquela técnica medieval no percurso e no itinerário da vacinação da população pobre de Fortaleza. Dispôs a percorrer ruelas em areias, a bater de porta em porta, sensibilizando as pessoas para tomarem a vacina. Sabia que o discurso médico podia afugentar a população em vez de esclarecê-la. Admitindo conhecer o estado mental em que se encontrava aquela gente, preferiu utilizar o recurso literário do “*exemplum*”. Contando uma história imaginada, cheia de simbologias e metáforas, descrevendo situações em que anjos se faziam heróis ao salvar pessoas com a lanceta que lhes injetava a linfa salvadora do mal que grassava sobre a terra dos homens, conseguia persuadir as pessoas a se deixarem imunizar.

A anamnésia feita com cada indivíduo que se vacinava permitiria ao farmacêutico a montagem de um relatório, verdadeira fonte testemunhal da história, com fichas individuais sobre a forma de vida de cada família, numa cidade onde o governo não apresentava políticas de saúde pública.

A lucta começou. Eu preparava a vaccina e ia pelos subúrbios, de casa em casa, de palhoça em palhoça, levar o prophylatico da variola. Os primeiros tempos foram amargos. Tive de luctar com a obstinação do povo, que fugia de mim, aterrado, como se eu fosse a própria peste. Como me magoaram os primeiros botes da ignorância! (TEÓFILO, 2009, p. 134).

Num depoimento exposto numa de suas obras, eis a justificativa que apontava ter escolhido aquela modalidade literária como o melhor caminho para se aproximar daquelas pessoas humildes que precisavam ser vacinadas.

Conhecendo de perto o nosso povo, sabia da paixão que tem pelo maravilhoso e, aproveitando-me desta qualidade, contava lendas, inventava histórias de reinos encantados, anjos que desciam do céu e acabavam a peste vaccinando as gentes. Ia assim vencendo a repugnância dos ignorantes e quando a rhetorica falhava, valia-me do dinheiro, e este vencia todos os obstáculos. (TEÓFILO, 2009, p. 134).

Pelo trecho anterior, verifica-se a força do uso da palavra por meio de *exemplum* aplicado no universo imaginário da população dos subúrbios. Sozinho, imbuído do seu espírito humanitarista e empreendedor da saúde pública, descia à periferia para vacinar as pessoas: “O sacrifício não era material como eu suppunha, não era de dinheiro, mas de paciência, de abnegação” (TEÓFILO, 2009, p. 106).

Um mundo diferente se descortinava sob seus olhos. Um integrante da elite letrada da cidade pisando no areal branco e frouxo das ruas do subúrbio fortalezense:

Não conhecia os subúrbios de Fortaleza. Tive de iniciar o serviço no bairro mais canalha, onde está reunida a escória da população da capital cearense. Ali a miséria e o vício se aliaram. É um arraial composto em sua maioria por mendigos, cães sem dono e urubus. (TEÓFILO, 2009, p. 113).

Foi enorme o espanto do sanitarista ao se deparar com a realidade de moradia dos habitantes das barracas erguidas sobre as areias frouxas das dunas.

Nunca mais apagou-se em mim a impressão daquela miséria. O interior da choupana estava de accordo com o exterior. Uma mulher [...] mal encarada e de ruins maneiras recebeu-me dizendo logo que ‘a melhor vaccina era a de Deus e que não queria metter a peste no corpo dos filhos’, isso com uns modos bruscos e soltando fartas baforadas de fumo de seu fedorento cachimbo. Ao lado dela cinco creanças, de oito annos abaixo, todas nuas e encardidas de sujo, olhavam-me espantadas. O ar que se respirava ali, embora renovado a cada instante, tinha um fartum especial, lembrando uma mistura de sebo, suor de negro e sarro de cachimbo. Pelas pequenas rêdes, armadas umas quase sobre as outras, podia se avaliar a porcaria do casebre. O sujo destas typoias era tal que era impossível saber a cor primitiva do panno. (TEÓFILO, 2009, p. 108).

Pelo recorte acima, parece aquele choque de realidade deparado pelo farmacêutico ter ficado registrado na sua memória como uma cena triste, onde pessoas em estado de miséria absoluta, entregues à própria sorte, não eram incluídas no projeto da capital republicana.

Diante da resistência do governo, em não aceitar a validade da vacina produzida, o nobre higienista se valia dos próprios moradores já vacinados, para demonstrar aos outros a importância da vacina, ao mesmo tempo assegurando que tal inoculação não trazia nenhum malefício à saúde da população.

Logo que entrei no arraial e os habitantes souberam quem eu era e o que me levava ali, abandonaram os casebres e ganharam o matto. Com que desprazer via aquella pobre gente aterrada, fugindo de mim de tableiro afora, levando os filhos, os menores, os menores ao collo e os mais crescidos acompanhando-a ou vencendo mesmo na carreira com que ia! Teria ficado sem ter a quem me dirigir, tal foi o repúdio, se não fosse uma família vaccinada, e a quem eu tinha, não havia muito tempo, prestado alguns favores. Graças a sua intervenção e bons officiais foram aquellos ignorantes voltando às suas moradas. Entre ellas quase não havia homens: a mor parte eram mulheres! Verdadeiras megeras, de cachimbo ao canto da bocca, gaforina arrepiada, sujas, maltrapilhas. (TEÓFILO, 2009, p. 107).

Verifica-se nos moradores das areias um comportamento de estranhamento frente a primeira abordagem feita pelo farmacêutico com o objetivo da vacinação. Imagina-se o tipo de notícias falsas que circulavam de boca em boca e o quanto atiçava no imaginário coletivo algum medo de tomar a vacina. A maioria daquela gente, sabedora da presença do sanitarista montado em seu cavalo a percorrer aquelas ruas sinuosas de areia frouxa, debandava de seus casebres a procurar de se esconderem, como se estivessem fugindo de algo ruim.

No entanto, junto aqueles que se prestavam a colaborar, eram tomadas algumas informações para preenchimento de um o prontuário. O passo seguinte: inocular a vacina. Esta era a etapa mais delicada do trabalho, como ele próprio anunciaria: “Nunca, em minha vida, precisei de mais coragem e de mais paciência. Coragem para prosseguir naquelle trabalho que estava me parecendo superior às minhas forças; paciência para supportar as investidas e os deslates da ignorância” (TEÓFILO, 2009, p. 109). O relato de uma abordagem a um núcleo familiar permite compreender o uso de *exempla* antes de vacinar aquelas criaturas.

Contou que, certa vez, visitou um casebre suburbano onde o dono se encontrava sentado à porta, um homem de traços sertanejos e aparentemente rude, o qual não dera por conta da sua presença. O farmacêutico disse que o saudara com um cortês bom-dia. Não se surpreendendo por ouvir apenas um resmungo como resposta, imediatamente perguntou sobre as pessoas da casa e disse que estava ali precisando que elas tomassem a vacina para se protegerem contra uma doença má. O homem bradou que a única vacina que queria era a de Deus e que ele fosse embora. Não satisfeito com a resposta diante de tal prelúdio, fazendo valer o poder da palavra, fez o uso do *exemplum* como ato educativo das pessoas. Eis o fato contado nas páginas do livro do referido farmacêutico:

Contei-lhe a história de Jenner, [...] santo anachoreta que vivia nas brenhas a fazer penitências e a obrar milagres. Já comia o manná do céu que lhe trazia uma pomba, alva como a neve, e que todas as tardes descia das alturas à caverna onde morava o santo. Perto havia uma cidade assolada pela varíola. O povo della, muito devoto, viu que se acabava todo apodrecendo em vida, fez preces e romarias para aplacar a cólera de Deus. Todos os dias morriam mais de mil pessoas. A princesa tinha morrido e a rainha, estando doente também da peste, o rei botou voz de fama por todo o reino dizendo dar um thesouro a quem lhe salvasse a mulher. A cidade parecia um cemitério tal eram a tristeza e o lucto das famílias. Deus então, depois de muitos rogos e penitências do povo, fez descer do céu um anjo à caverna do santo anachoreta para ordenar-lhe que fosse à empestada cidade no outro dia antes de sahir o sol. Que nas portas da cidade encontraria um curral cheio de vaccas, que entre estas havia uma lava como gomma, de cornos de prata e peito cor de rosa. Que esta novilha da primeira cria viria acompanhada de um bezerro cor da noite, ao encontro do santo e deante delle se ajoelharia, como um vivente christão. Tinha uma doença nos peitos, mas uma doença que Deus tinha dado para alívio do gênero humano. O santo atrahido pela belleza e mansidão do animal o mira e vê que a novilha tem na pele rosada das tetas pequenas bixigas. Então uma voz diz-lhe: - Com o espinho da laranjeira em que foi crucificado o martyr S. Sebastião, advogado da peste, fura aquella enfermidade e o líquido que della sahir apanha e bota em uma concha, mas em uma concha que tenha sido lavada nas águas do mar em maré cheia, e vai, em de Deus, à vizinha cidade levar a salvação ao seu povo. Em seguida ali procura as gentes de todas as edades, meninos, moços e velhos, ricos e pobres, e os livra da peste, pondo nos braços de cada um delles o sinal da cruz três vezes feito com o espinho da laranjeira molhado n'água da concha. A peste respeitará a todos em que este sinal fizeres e a cidade ficará limpa. O santo fez tudo que o anjo do Senhor disse-lhe e a varíola retirou-se das terras onde o povo entregava os braços à vaccina por Deus mandada. (TEÓFILO, 2009, p. 125).

Como era instigante aquela narrativa. A riqueza das imagens atreladas ao enredo ia prendendo a atenção do homem, ao mesmo tempo que ele se deixava levar pela imaginação. Aos poucos a mulher e os filhos foram se aproximando e passaram a escutar a história. Ao término da narração, não houve nenhuma resistência. Todos deram o braço e receberam a dose da vacina contra a varíola.

Considerações finais

O Ceará estaria fadado a ser uma terra, como anunciara Rodolfo Teófilo no início do século XX, na sua crônica social, que parece história, cheia de anomalias. A varíola era uma das anomalias que grassava pelas terras cearenses. Hercúleo foi o trabalho profilático desempenhado pelo referido farmacêutico e sanitarista na cidade de Fortaleza. Movido pelo espírito altruísta, não mediu esforços nem gastos com seus próprios recursos para fazer valer o sonho de criação de um instituto vacinogênico na capital do Ceará capaz de dar suporte à campanha vo-

luntária da vacina contra a varíola nesta parte do Brasil.

A nobreza do trabalho de vacinação das pessoas humildes desenvolvido pelo citado benemérito estava no uso da palavra, em vez de se valer da força física policial ao tornar a vacinação obrigatória. Na medida em que se aproximava do povo, logo ia contando suas histórias lendárias, despertando-lhe a imaginação e comovendo as pessoas até a decisão de tomarem a vacina. Com isso, ia ganhando a confiança da plebe cidadina. Passaria a ser visto como um bravo tribuno da plebe. Além de trazer a “boa-nova” para a população pobre da periferia, representava a única voz a dar vazão aos gritos ecoados do sofrimento daqueles que viviam confinados nas áreas ermas da capital, sob o véu brumoso do poder público. Gritos de dores físicas causados pelas patologias, mas também urros decorrentes de uma carga emocional comprometida por um modelo de vida que não previa perspectiva social.

Não obstante, a presença do farmacêutico naquele subúrbio inquietava o governo, que não conseguia, naquela ocasião, aproximar-se da população pobre, a não ser pelos canais repressivos no combate ao “fanatismo” e à “rebeldia social”. Inquietava porque o retrato social do subúrbio ganhava destaque nos jornais. A crônica social veiculada pelos folhetins apresentava o outro lado, a cidade dos pobres. Totalmente diferente daquela referente ao quadrilátero do perímetro central. Uma contradição frente ao aformoseamento que a capital vinha ganhando desde o último quartel do século XIX. Ali viviam pessoas desassistidas do projeto republicano.

O governo temia a oposição. A presença daquele homem letrado conversando, orientando, dando conselhos, vacinando e salvando vidas de pessoas somente com o uso da palavra ganhava força junto à população desvalida. Não à toa, os setores conservadores da sociedade lançaram pilhérias de toda troca à campanha do referido farmacêutico. Contudo, Rodolfo Teófilo silenciaria o governo ao submeter a vacina para avaliação do Instituto Manguinhos e ter recebido o beneplácito de Osvaldo Cruz, considerando a vacina de alta eficiência imunológica.

Paixões políticas à parte, a população fortalezense celebraria, nos anos seguintes, o controle da varíola. Conforme o próprio farmacêutico destacaria, na seca de 1915, que passaria para os anais da história brasileira como uma das mais cruéis, chegando a ser título de um romance da escritora Rachel de Queiroz, publicado na década de 1930, a cidade de Fortaleza não registraria nenhum caso de varíola. Era a demonstração eficaz do trabalho voluntário empreendido por Rodolfo Teófilo.

Referências

BARBOSA, José Policarpo. **História da saúde pública do Ceará**. Fortaleza: UFC, 1994.

BRAVO, Frederico. Arte de enseñar, arte de contar: en torno al exemplum medieval. In: DUARTE, J. I. (Coord.). **La enseñanza en la Edad Media: X Semana de Estudios Medievales**, Nájera, 1999. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2000. p. 303-327. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=485>

FERNANDES, Tania Maria Dias; CHAGAS, Daiana Crús; SOUZA, Érica Mello de. **Varíola e vacina no Brasil no século XX: institucionalização da educação sanitária**. Ciência & Saúde Coletiva, Vol 16. N. 8, pp. 479-489, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n2/>

v16n2a11.pdf. Acesso 24 de junho de 2019.

FONTANA, Dino. **História da Filosofia, Psicologia e lógica**. São Paulo: Saraiva, 1969.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GAZÊTA, Arlene Audi Brasil. **Uma Contribuição à História do Combate à Varíola no Brasil: do Controle à Erradicação**. 2006. 218 fl. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2006.

GOMES, A. C.; HANSEN, P. S. (Org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

LE GOFF, Jaques. **A bolsa, a vida econômica e religiosa na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LE GOFF, Jaques. **O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1993.

LIRA NETO. **O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999.

MCNEEL Ian F.; WOLVERTON, Lise. **A reinvenção do conhecimento: de Alexandria à internet**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. São Paulo: Ateliê; Giordano, 1999.

PONTE, Sebastião Rogério A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, S. (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000. p. 162-191.

SCHWARCZ, Lilia Moritz.; STARLING, Heloisa Murgeil. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEVCENKO, Nicolau **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

TEÓFILO, Rodolfo. **Scenas e typos**. Fortaleza: Waldemar Alcântara, 2009.

TEÓFILO, Rodolfo. **Varíola e vacinação no Ceará**. Fortaleza: Waldemar Alcântara, 1997.

Artigo submetido em 20/04/2021

Aceito em 29/05/2021